



BERGOGLIO, Jorge; SKORKA, Abraham. *Sobre el cielo y la tierra*. Buenos Aires: Sudamerica, 2013, 174p.

Rodrigo Coppe Caldeira*

No dia 13 de março foi elevado ao sólio papal o cardeal argentino Jorge Mario Bergoglio. Feito o anúncio, estudiosos do catolicismo, jornalistas e também fieis perguntavam: "Quem é este?" As buscas por informações sobre o cardeal começaram. O que seria uma dificuldade em outros tempos, hoje, a partir de alguns *clicks*, descobrimos rapidamente aquilo que buscamos. Todos queriam saber quem era o cardeal Bergoglio, suas características pessoais, as linhas mestras de seu pensamento. Poucos dias depois a editora Sudamerica relançava um diálogo entre ele o rabino de Buenos Aires Abraham Skorka em *e-book*.

Lançada originalmente em 2010, *Entre el Cielo y la Tierra* é uma ótima introdução ao pensamento do papa Francisco em temas como diálogo inter-religioso, ateísmo, família, Deus, diabo, oração, culpa, aborto, divórcio entre outros. A preocupação de Bergoglio que perpassa a obra é a de construir pontes em vez de muralhas. E o diálogo é um dos principais caminhos para realizá-las. Sobre o diálogo entre o católico Bergoglio e o judeu Skorka, o então cardeal diz que “El desafío consistió en caminar con respeto y afecto, caminar en la presencia de Dios y procurando ser irreprochables” (p. 9). Ao tratar o tema do mal, personificado na figura do diabo, afirma a crença no demônio e diz que “su mayor éxito en estos tiempos fue hacernos creer que no existe, que todo se arregla en un plano

Resenha recebida em 11 de junho de 2013 e aprovada em 20 de agosto de 2013.

*Doutor em Ciência da Religião. Professor do Mestrado em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
País de origem: Brasil. E-mail: rodrigocoppe@gmail.com

puramente humano” (p. 16) - ideia original de Charles Baudelaire, segundo alguns. A vida humana é uma luta entre o bem e o mal; e a vida cristã é uma espécie de atletismo, de luta, afirma Bergoglio. Sobre os ateus, o então cardeal afirma que não tem “ningún tipo de reticências, no le diria que su vida está condenada porque estoy convencido de que no tengo derecho a hacer un juico sobre la honestidad de esa persona. Mucho menos si me muestra virtudes humanas, esas que engrandecen a la gente y me hacen bien a mi” (p. 19). E mais: “tenemos que ser coherentes con el mensaje que recibimos de la Biblia: todo hombre es imagen de Dios, sea creyente o no” (p. 19). Sobre as religiões afirma que Deus se faz sentir no coração de cada pessoa, respeitando as culturas dos povos, e que “cada pueblo va captando esa visión de Dios, la traduce de acuerdo con la cultura que tiene y la va elaborando, purificando, dándole un sistema.” A abertura de Bergoglio às expressões religiosas de todo o mundo não prescinde de um abrir mão de sua própria tradição. Para ele tal herança não é negociável. O conteúdo de uma fé religiosa “es susceptible de ser profundizado por el pensamiento humano, pero cuando esa produción entra en colisión con la herencia es herejía”. Outro momento interessante da obra é quando os dois líderes religiosos discutem o fundamentalismo. Ao falar do papel do sacerdote, Bergoglio diz que ele ensina e propõe a verdade revelada. Todavia, “el maestro que se arroga tomar las decisiones por el discípulo no es un buen sacerdote, es un buen dictador, un anulador de las personalidades religiosas de los otros.” (p. 39).

Quem lê a obra com atenção e possui um *background* acerca dos ensinamentos do Concílio Vaticano II (1962-1965), observa que Bergoglio demonstra ter afinidade com o espírito de diálogo e abertura ao papel do leigo que o evento conciliar trazia. Ao ser elevado ao sólio papal, o cardeal argentino foi aclamado pela mídia internacional e pelos analistas da Igreja romana como um sinal positivo, certamente de ruptura com a linha dos conclaves anteriores, especialmente aqueles de antes da eleição de Karol Wojtyła. Sua proximidade com as autoridades religiosas judaicas – como se nota com o diálogo apresentado nessa recensão – segue o caminho apontado pela declaração *Nostra Aetate* sobre as

relações da Igreja com as religiões não-cristãs, já que “todos os povos, com efeito, constituem uma só comunidade. Têm uma origem comum [...]”, diz o documento (NA, 1). É importante assinalar, por sinal, que o primeiro ato oficial de Francisco, logo empossado, foi o de enviar uma carta de amizade ao Rabino de Roma, demonstrando apreço à proximidade com os judeus. Por outro lado, os setores tradicionalistas do catolicismo entendem que a eleição é mais um passo no processo de “autodestruição” da Igreja. A proximidade de Francisco com os judeus é visto como um grande mal, já que entendem que a sua elite trabalha há séculos para a destruição do cristianismo, como aparecia nos panfletos distribuídos pelo *Coetus Internationalis Patrum*, o grupo minoritário e tradicionalista do concílio. Certamente que esse elemento, qual seja, o da proximidade entre Bergoglio e o judaísmo, possa frutificar num diálogo cada vez mais profundo e honesto com os irmãos judeus. Toda a obra é um testemunho dessa proximidade que, sem cair num irenismo pueril, nos apresenta o novo papa na chave do diálogo inter-religioso.